

Peemedebistas começam a discutir seu comando na próxima semana

Resolvida ontem a questão da liderança do partido na Câmara dos Deputados, algumas das mais expressivas lideranças do PMDB no Congresso vão se reunir, na semana que vem, para discutir a questão da chefia partidária, virtualmente acéfala, em face do excesso de encargos assumidos pelo presidente nacional, deputado Ulysses Guimarães, que é também presidente da Câmara (e, como tal, substituto eventual do presidente da República) e do Congresso constituinte.

Como Ulysses não deu, até agora, o menor sinal de que pretende se licenciar da presidência partidária, os caciques do PMDB vão discutir fórmulas alternativas para evitar o imobilismo da principal agrupação política nacional. Entre elas, a antecipação da escolha do 1º e 2º vice-presidentes, cargos que ficarão vagos a partir de 15 de março, quando seus atuais ocupantes (Pedro Simon e Miguel Arraes, respectivamente) assumirão os governos do Rio Grande do Sul e de Pernambuco.

A importância da escolha dos substitutos cresce extraordinariamente se a pressão para que Ulysses se licencie for, afinal, vitoriosa. A Folha apurou ontem que o desejo de que Ulysses se afaste temporariamente da presidência partidária não é uma ação isolada do senador José Richa (PR), que tem sido a voz mais estridente na defesa dessa posição. "Está todo o mundo preocupado com o quadro que aí está", diz, por exemplo, o deputado federal Euclides Scalco (PMDB-PR), braço direito de Ulysses e membro da Executiva nacional peemedebista.



Marcio de Pietro-01.Fev.86

Affonso Camargo

Se Ulysses se licenciar, o novo 1º vice-presidente será, de fato, o comandante do maior partido brasileiro. E já há dois candidatos lançados para as vagas a serem abertas no dia 15 de março: o senador paranaense Affonso Camargo, atual 3º vice-presidente, e o deputado federal Jorge Ueque (RS).

Mas outros nomes tendem a surgir naturalmente, à medida que a discussão interna se aprofundar. Entre eles, o do senador José Richa e o do governador de São Paulo, André Franco Montoro, que até preferiria o cargo principal do partido ao Ministério de Relações Exteriores, para o qual está fortemente cotado.

Uma evidência de que a candidatura Richa pode surgir logo foi obtida ontem pela Sucursal da Folha em Curitiba: Richa retirou formalmente o apoio à candidatura Affonso Camargo à 1ª vice-presidência. Motivo:

Richa acha que Camargo está assumindo "posições radicais" contra o governo.

Contra-ataque de Camargo: "Se for verdadeira a opinião do senador José Richa de que o 1º vice-presidente do PMDB não pode assumir eventualmente posições radicais contra o governo, julgo que os membros do Diretório Nacional não devem mesmo escolher-me para aquele cargo".

Essa nova briga interna é evidência de que o PMDB necessita cobrir urgentemente a acefalia em sua cúpula, porque o partido está visivelmente à deriva. O próprio presidente da República percebe essa situação, a ponto de ter tomado a iniciativa de indicar um líder do governo no Congresso, o deputado Carlos Sant'Anna.

A Folha apurou que a decisão de Sarney foi uma reação à rebelião da bancada peemedebista contra o funcionamento simultâneo de Câmara, Senado e Congresso constituinte. Na antevéspera da instalação do Congresso constituinte, dia 1º, Sarney avisou a Ulysses e ao então líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, que, se a rebelião não fosse contida, teria que optar pela indicação de um líder do governo.

Na semana seguinte, mesmo sepultada a tese da Constituinte exclusiva, Sarney escolheu o seu líder, em clara indicação de que não confia na fidelidade da bancada peemedebista, cujo comportamento rebelde é, em boa medida, atribuível à ausência de comando por parte de Ulysses, engolfado em suas múltiplas outras atividades. (CR)